Anno 3.° | O Estado menor teme o maior. Um Bresci è o terror de ambos. | Nr. 28

De todos segundo as suas forças.

IL DIRITTO

A cada um segundo as suas necessidades.

PERIODICO COMMUNISTA ANARCHICO

SAHE QUANDO PODE E SE PUBLICA POR SUBSCRIPÇÃO VOLUNTARIA

GERENTE RESPONSAVEL: *Egicio Cini.* Endereço: IL DIRITTO, Rua Silva Jardim N. 60

Paraná | Curityba, 25 de Dezembro de 1901 | Brazil

„Jesus de Nazareth."

Morrem os velhos numes e fumegam, sob o livre exame, as illusões creadas pelo mysticismo e mantidas pelo calculo. Ja folheamos os evangelhos, mas nas grosseiras legendas, não a lùz, mas a contradicção pueril e estupida, temos encontrado. O Christo de Matheus, de Marcos, de Lucas e de João, não é a incarnação de Adonai, nem a força regeneratriz de um genio destruidor do passado: enganado ou enganante, elle compareceu na hora do esphacelamento da nação hebrèa, muito débil por um antigo propheta, muito incapaz como o rabbi do novo verbo que o Oriente esperava.

* * *

Si elle devia nascer da estirpe de David, as prophecias mentiram, porque diz-se que o espirito o gerasse, e si com effeito José, ou outros, foi seu pai, elle, filho do homem, nascido da carne, não podia ser Deus.

Mas concebido por incubação do espirito ou por virtude do macho, elle mostrou-se sempre insufficiente como homem e como divindade.

Confundido na floriença dos mágos do seu tempo, nenhum preteso seu prodigio sacode o mundo; os proprios seus dicipulos não comprehendem o que elle diz; muitas vezes, elle mesmo não sabe o que dizer e perde-se n'um conceito e etragono dos homens e das cousas.

Os da Galiléa e os seus proprios irmãos — João no-lo confirma — não acreditavam n'elle e nunca lhe deram importancia. Si excedeu sobre os outros Messias da èpocha, foi pela boa felicidade no proselytismo e porque teve as mulheres a seu favor. Os phariseus temiam-no, porem, como os padres catholicos, temem os pastores methodistas, como os medicos temem os dulcamarás.

O christianismo mesmo como religião e philosophia não é d'elle: como religião è subsequente a elle de annos e de homens; como philosophia, a Grecia lhe pode ser mãi.

O verdadeiro chefe-escola do christianismo é Paulo de Tarso, porque Christo mais que pelo pensamento pertence-lhe pela morte, porque todas as seitas ambiram de começar com um martyr.

Em quanto aos christãos nascidos de Paulo e crescidos pelo visionario João, acabarão no tempo de Constantino, quando este, percebendo o christianismo já bastante corrompido e estenso, comprehendeu a utilidade de fazer-lhe uma religião d'estado.

Certamente que Christo intuiu muito de quanto em tôrno d'elle germinava então, mas não conseguiu aferrar o segredo intimo. Indignou-se sentindo-se judeu e inimigo a Roma, mas muito fraco de pensamento e d'energia, não poude ser do mundo: assim não foi, nem o Messias d'Israel, nem o da humanidade.

* * *

Si a legenda messianica desapparece nos seculos e identica se acha em muitas religiões da Asia, a tradicção pessoal de Cristo deshumanisa-se na poesia oriental e torna-se a tradição commum aos mythos. Tanto que si não houvesse Tito Livio e José Hebreu (o historico) com as suas breves notas a confirmar-nos a sua existencia, poder-se-hia crêr que elle nunca existiu, sendo que, não são documentos os evangelhos, onde, a fabula e a imaginação, fazem do homem um Deus, e de um Deus uma mesquinhidade impotente e estupida.

Mas como se explica então o incremento da seita que tomou o seu nome; o desenvolvimento potente do christianismo que conseguiu minar o imperio dos Cesares?

O christianismo é um phenomeno dos tempos, mas Christo não é a cousa, sendo dos tempos, elle mesmo, um effeito.

Roma demasiado grande para suster-se; os velhos numes demasiado decrepitos para manter a fé; o scepticismo gerante o pessimismo; o epicurismo a nausea; a decadencia em toda a parte, depois de tanta grandeza; em todo e qualquer logar um desejo intenso do novo, do maravilhoso....

Acrescenta que, faltava uma religião para os escravos e que um sentimento de mais humana reciprocidade já aninava o patriciado e eis explicado o desinvolvimento immenso do christianismo, annunciado com a fé dos humildes com o dogma da igualdade universal perante a Deus.

Conseguintemente entende-se ainda, como sob um dado ponto de vista o christianismo annuncia-se com um caracter politico e social, caracter que tem arastado muitos a crear-se um Christo esfarrapado e revolucionario, Caio Gracco da Palestina, suppliciado por sedicção de proletarios.

Ora, necessario é desimbaraçar-se tambem d'este commodo prejuizo, commodo por miragem, porque si facilita

de um lado a propaganda socialista por outro inquina-a com todas as renunciações evangelicas. Porque a Renam fugiu-lhe um dia da penna que Christo *sob certos rapportos podia dizerse anarchista*, ouve quem se julgou autorizado a proclamal-o tal e, seguindo as pégados de Lammenais, especulando uns artigos aquém e além nos evangelhos, fizeram-no um precursor do communismo. E a vantagem tem sido para os Jesuitas os quaes hoje puzeram em vaga uma «Democracia Christã» que não pode existir no facto.

Si o reino dos céus que attende a quem penou na vida acha-se no *além*, tumulo tal reino dos cèus, portanto, não serve, sinão a distanciar-nos maiormente da existencia vivida e sentida. Que nos importa si è *mais facil que um camello entre pelo orificio de uma agulha do que um rico no reino dos céus*, quando esse rico impunemente entra todos os dias, fiscal e bandido, na nossa casa, a angustiar-nos, a empobrecernos? . . . .

* * *

Na vida de Christo (si verdadeiros) dois factos somente mereçem relevarse: um diz respeito ao apostolo, e são as açoutadas dadas aos mercantes no Templo, o outro dá a percepção de uma philosophia humana e nova e é a sapiente defeza feita a adultera. Mas afóra d'estas duas acções especiaes, nada surge dos logares communs de todos os Messias com a especifica pois, ridicula e ignorante, da expulsão dos demonios.

Certamente que do homem-deus, ou vice-versa era de esperar qualquer cousa mais! Portanto nós insistimos em pretender que o Christo de Nazareth não foi sinão um reformador fallido, menos esperto de Mahomet, e menos andaz de Moysés.

E àquelles que continuam em crêl-o a encarnação da divindade, que sendo *uma* não podia ser *trina*, nós respondemos só que si elle foi com effeito gerado pelos numes, não viveu sinão como aborto d'um Deus.

Si elle através dos seculos nos apparece estranhamente engrandecido não é que effeito d'optica sugestiva. Para a historia e para o pôrvir elle não representa sinão a impotencia da palavra.

* * *

A revelação christã falleceu desde seculos, nem a fazel-a crêr actualmente viva, servem os canticos de todos aquelles que hoje festejam do Christo o natal.

Olhai! . . .

Sobre mil e mil berços a fome e a tristeza, assistem na noite que se quer sagrada, ao nascimento de um exercito de derelictos . . . por nenhum Christo ainda redentos . . .

E Caiphaz saciado das decimas trisca sempre no Templo, e Cesar sempre governa os homens, e Poncio sempre abandona a causa da justiça. Os pobres de espirito são sempre cégos e os ricos todavia não pensam á geena.

O verbo feito carne não regenerou nem homens nem cousas.

Para a grande purificação, nós esperamos o Fogo!

Curityba, 12 - 1901.

Gigi Damiani.

PADRE E LAVRADOR.

Padre:— Vés, meu bom lavrador! Tu fazes muito mal em ser anarchista. O que é que pensas! Os pobres são muito mais felizes que os ricos; e sabes porque? Eu me explico. Os pobres, depois de uma vida de tribulações, n'este mundo, si souberem resignar-se, após a sua morte, irão gozar a justa recompensa no reino dos céus, ao passo que, os ricos, os que gozam, os que passam uma vida inteira na devassidão, na libertinagem, emfim, os que saboream todos os prazeres mundanos, estes, quando se apresentarem ante o Supremo Tribunal de Deus, serão inexoravelmente expulsos e condemnados, como merecem, ás penas eternas!

Bavrador:— Admira-me, Snr. Riverendo, o que acabo de ouvir e pela bocca de Vossa Rev.ma, um ministro de Deus. Nesse caso, eu sou muito mais christão que a Vossa Rev.ma. Perdôe o meu atrevimento . . .

Padre:— Como! Gracejas!

Lavrador:— Ao contrario, Rev., fallo serio. Desculpe, Snr. Rev., si ouso affirmar que sou mais humanitario que a Vossa Rev. Eu amo os meus semelhantes e não faço menos e nem mais do que seguir fielmente os conselhos que a Vossa Rev. não consa de pregar no pulpito aos seus fieis: amar o proximo como a si mesmo.

Padre:— E' o meu dever; somos todos irmãos, filhos de Adão e Eva.

Lavrador:— E' justamente por isso. Como observo escrupulosamente esse preceito, não poderei jamais consentir que uma parte do meu proximo, por mal entendida comprehensão, quero dizer, por falta de alguem que lhe indique o caminho a seguir, se prive das delicias celestes, eternas, por um gôzo terrestre, ephemero.

Exijo, pois, Snr. Rev., que todos sejamos iguaes, que todos soffr amos em páz n'este mundo, para, depois de uma vida penosa e difficil, subámos ao céu, e juntos, os ricos e os pobres, passamos gozar as glorias eternas. Ja vê, pois, que procuro o bem-estar meu e do meu proximo aqui e no céu; não sou egoista como a Vossa Rev., que quer a todo custo empurrar os ricos para o inferno!!

O Padre não esperava por essa!

J. Mori.

Amor livre.

Thema delicadissimo de que, propomo-nos desinvolver e sobre o qual nem sempre nos achamos de accordo; cada qual o explica conforme o sente, e n'esse caso os sentimentos são variàdos; porem nós concretamos a definir de um modo geral, deixando a cada um a liberdade de pensar como melhor lhe convém.

Quantas vezes depois de termos discutido as nossas idèas entre os amigos ouvimos a entoação do habitual retornello: „Acceitamos tudo o que os anarchistas querem, porque reconhecemos que é justo, porem emquanto á familia e ao amor livre, isso não!“ Em primeiro logar diremos que o amor fui, é, e serà sempre livre, ninguem pode impedir que, dois seres, se amem, como tambem não é possivel impol-o: o que não é livre é a união, a correspondencia; a felicidade é só por costume. Vos perguntamos: porque pois tanta aversão ao amor livre?

O que nós comprehendemos é que nas nossas familias, vemos o pai verdadeiro dèsposta, a mãi ás suas ordens, e, isso, para toda a vida. Por consequencia o que é que ha de estranho si não se concebe a familia por outra maneira? Quando mais tarde nòs casàmos o fazemos com a idéa que a nossa união dura toda a vida. A nossa mulher deve pertencer-nos em absoluto existindo amor [ou odio] como succede hoje; eis o que vimos, e afóra d'esta não existe familia segundo o que se diz.

Porem suppômos uma familia de maneira differente de que os filhos creando-os juntos e vendo á intervallos a sua genetriz, ou quando não creando-os e cultivando-os ella propria em sua casa, porem concedendo-lhes muito mais liberdade nas suas relações com a sociedade, e nós invejamos a propria opinião em respeito á familia, e a mulher, porque emquanto ao homem sabe-se que a cousa é muito differente.

Façamos um' outra comparação, visto sabermos que muitas vezes citam-se por exemplo os animaes sem considerar que o caso não è comparavel. Entre os animaes inferiores, o macho possessor da femea de sua especie, bate-se ferozmente contra quem quer roubar-lh'a sem procurar saber si é da vontade d'ella, vontade que não possue quasi nunca, dando se a quem pode conquistal-a.

Os animaes procuram somente a satisfação sensual, ao passo que, os seres humanos santem e a joventude em particular, poderosa necessidade moral, a qual genera a necessidade physica, não todos com egual intensidade, porem são raras excepções que não sentem, e, crêmos que a manifestação do pensamento ou do desejo, a attracção entre seres em geral, em harmonia com a forçe phisica de cada um de nós.

No entanto não e possivel que a mulher, companheira do homem, não tenha desejos nas suas relações amorosas, existindo amor; reconhecemos porem que não possuindo o sentido moral, a sua relação e semelhante áquella dos animaes, sendo que, tanto em uma como na outra pouco importa pue se apresente; basta que haja conveniencia, desgraçadamente é isso que vêmos na sociedade humana na qual somos condemnados a viver. Porem fazer deducção bosando-se n'aquillo que existe, significa e quivocar-se. A culpa de semelhante monstruosidade e dos oppressores da humanidade, porque assim lhes convem, impedindo de mil maneiras a união livre.

Como poderemos, portanto sequir o impulso do nosso coração sendo a procreação o resultado do amor, em uma sociedade que nega o direito á vida a quem não tem ouro e quem não tem nascimento? E' claro que os gouvernantes teem um extremo cuidado obstacular o amor livre, porque para o governo leria um Cargo mais devendo garantir a vida a todos aquelles que nascem e, portanto a perca em parte do furto legal.

Actualmente conrahem-se matrimonios legaes, e uniões livres, mais ou menos iguaes, porque compromettemo-nos moralmente de seguir vivendo em commum não ignorando que em seguida virão os filhos; portanto abandonado a familia e os filhos por nós creados, chamar-se hia um' imfamia.

Uuicamente aquelles que por sua propria natureza- ou por firme vontade teem relações intimas de familia, podem gozar mais liberdades no tempo presente. Porem só em uma sociedade communista anarchica na qual ninquem termeria morrer á fome, será possivel a união completamente livre, a relação feliz e o fructo do amor robusto em logar da rachitis, molestia que actualmente deturpa os infelizes fiilhos do povo.

E' provavel que a união de jovens seja relativamente certa, sendo que o amor não é enterno ao contrario a mudança em todos os actos da vida é uma necessidade; porem poderá ser de mais duração entrr pessoas de edade madura, mudanno-se a classe dos sentimentos, resultados da maturidade dos annos, calmado em parte a paixão fogosa do amor como na edade juvenil.

Tal è a familia, que nós exigimos, basiada na affeição e não sobre o mesquinho interesse que hoje se impõe como consequencia do estado actual das coisas que tudo corrompe e degrada, e põe o individuo tanto abaixo, ao nivel dos animaes.

Sendo, por consequencia, causiderado no senso baixo e degradante, é muito natural que os homens se declaram contrarios quando se trata d'esta questão, porem deveriam reflexionar que não é honrar a sua companheira e quanto menos a si mesmo.

Emquanto o amor existir, nenhum dos seres humanos pensa no engano, porque o amor tem uma firme vontade de eleger ou expellir não havendo impedimento á relação do desejo de cada um, viverá feliz por todo o tempo que lhe convirá, e, quando a vida em commum começará a ser insopportavel por qualquer motivo, poder-se-hão separar sem serem obrigados de enganar-se mutuamente.

Um, por exemplo, permanecerá unido à mulher dois ou tres dias; um outro tres ou quatro mezes; e finalmente haverá homens e mulheres que viverão unidos, por muito annos, e mesmo por toda vida si os seus caracteres e a natureza se mostrarem em harmonia.

Hoje por muitas circumstancias, mulher e marido enganam-se mutuamente cimentando-se com a senhora justiça, muitas vezes n'uma conclusão tragica; porem a paixão ou a necessidade phisica é o unico desejo de zambarem-se dos outros e, vingar-se de uma supposta offensa, emfim procede-se scientimento n'aquello que pode succeder.

Nessa vil sociedade tudo se combina para tornal-a insopportavel, para obrigar

o homem e a mulher a viver em commum á guisa dos animaes domesticos, e para saber-se quem deve manter os filhos instituiram o matrimonio; e esta juncção produz necessariamente a astucia.

Actualmente quando uma mulher torna-se infiel a seu marido, esta falsa sociedade empenha-se ja em ridicularizal-a, e nós noventa e novo vezes sobre cem, não crêmos ao ridiculo.

Essa é a verdadeira causa dos crimes e que inconscientemente attribuem-se á paixão, e que realmente é a consequencia da collera que nasce instantaneamente sentindo o amor propio brutalmente offendido.

Porem a lei da justiça humana absolve quasi sempre o marido escarmecido, tanto que o homem excitado ao delicto pela opinião publica que o ridicularisa, e pela justiça que o absolve, obra inexoravelmente.

Como admirar-se pois si muitos homens consideram a mulher no mesmo modo que os ricos consideram os seus escravos?

E tudo contribue para que assim seja.

Nos matrimonios dos ricos o facto é outro: em muitos casos é um simples negocio, uma associação de capitaes de que cada um dos associados conserva a mais completa liberdade de acção emquanto as suas relações amorosas, sendo obrigados simular e obrar com hypocrisia, para salvar o decòro d'esta sociedade burgueza.

Reassumindo digamos que é absurdo ou pelo menos injustificavel o temor de unir-se livremente, isso sendo um beneficio para todos.

O homem e a mulher que não queiram ser objectos de zambario n'uma sociedade anarchica, tendo uma completa liberdade, serão transportados pela logica, pela educação de communicar-se reciprocamente a sua relação de não continuar a vida juntos; não havendo hypocrisia virão á uma discussão serena e leal ou, si depois um ou outro persistir resolutamente, produzir-se-ha a separação, permanecendo muitas vezes, depois d'isso, bons amigos.

Mediante essa franqueza os delictos d'esta esqecie serão panquissimos, porque, repetimos, aquelles são provocados pela sede de vingança em vendo-se enganados.

Nem tampouco a paixão produzirá tantas victimas como na sociedade presente, na qual muitos se suicidam ou morrem lentamente não podendo realizar o seu desejo; sendo a relação muito mais sensivel que agora, quem não terá podido satisfazer o seu impulso, encontrará facilmente um outro ser que o corresponda e assim. a amargura será adocicada, se extinguirão os vapores da tristeza, e o mundo será todo alegria, e esses ultimos poderão dizer: — Si nós temos o que amamos, amamos o que temos. Amor é viver: a vida sem amor é uma arvore sem flores, e a monotonia da vida sem commoções.

Para combater comnosco fazemos apello a todos os companheiros e companheiras que nos comprehendem, contra a sociedade capitalistica que nos obriga a viver como os animaes inferiores e que nos rouba a Liberdade, o pão, a felicidade.

Libertario Desherdado.

Morretes 21. Nov. 1901.

Subscripção
em favor do jornal
'Il Diritto.'

Nicoló 1$000, C. D. 2$000, Abasso il denaro 1$000, Un bottaio 1$000, La chi fossè 1$000, V. B. 500 rs., Fra compagni 23$200, Bergerech 5$000, N. N. 1$500, A. A. 500 rs. Andrea Petrelli 2$000, Francisco Leoni 1$000, Angelo Benevenuto 1$000, L'amante di Rigoletto 500 rs., Venda do retrato de Bresci 2$000. Total 43$300.

Despesa do Correio N. 26 3$400.
" " " " 27 3„580.
Total 6„980

Para a tiragem de 600 exemplares . . 38$000. Total 44$980.

Deficit 1$780.

Aos Alfaiates como eu.

Collegas!

Succedeu-me ha dias um facto que, apesar de não ter nada de extraordidario e de surprehendente, porque todos os dias cahimos victimas de infames exploradores, comtudo permitto-me scientificar-vos do occorrido.

Tive a infelicidade de ser admittido ao serviço do Snr. Raphael Contador, com officina de alfaiate á rua 15 de Novembro d'esta cidade. Mais tarde, ou por conveniencia, ou porque me apetecesse abandonar a casa, ou por qualquer outro motivo, (pois não seria até esse ponto, escravo do Snr. Contador) fiz-lhe conhecer a minha resolução; respondendo-me que não consentia a minha retirada, pois estava atão apurado no serviço!» Eu persisti na minha idéa; pedi-lhe que ajustassemos contas, o que elle respondeu-me com um cynismo que lhe é habitual, que não me pagaria — mais nem ventim, pelo desaforo que lhe fazia sahindo de sua casa em tal occasião. Retirei-me julgando que aquillo fosse exaltação momentanea, mas qual o que! foi inexoravel: nem mais um real! . . .

Incapaz de consideral-o tão velhaco, apresentei-me de novo ao meu devedor, e por fim acabou dizendo-me que estava arrependido por ter-me pago em parte os meus salarios vencidos em todo o tempo que estive em sua casa. Si não me tivesse pago . . . .

Os commentos ao publico. A que ponto chega a audacia desses monstros parasitarios??

Acautelai-vos, collegas!

Toda a perspicacia é pouca comsemelhantes sanguesugas!

Tomei as necessarias precauções com os infames que querem a todo custo edificar a sua fortuna sobre o suor dos operarios!

Curityba 12—901.

José Avi.

Grupo Dramatico Cosmopolita.

Domingo, 5 de Janeiro de 1902 subirá a scena o drama intitulado

„O Martyr".

A funcção terá lugar nos salões da «Sociedade Recreativa Cosmopolita.» Começará ás 8½ horas da noite.